

**A DUPLA AMEAÇA: CORONAVÍRUS E CRISE ÉTICO-POLÍTICA. UMA REFLEXÃO PSICANALÍTICA ACERCA DA PANDEMIA NO BRASIL**

**THE DOUBLE THREAT: CORONAVIRUS AND ETHICAL-POLITICAL CRISIS. A PSYCHOANALYTIC REFLECTION ABOUT PANDEMIC IN BRAZIL**

*Livia Fernandes<sup>1</sup>, João Luís Almeida Weber<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente ensaio teórico reflete criticamente acerca de fenômenos psicossociais da pandemia de Covid-19 no Brasil. Para tanto, apropria-se de conceitos da metapsicologia freudiana e da psicologia política. Psicicamente, a crise sanitária baliza-se em catástrofe, trauma, mal-estar e lutos. No Brasil, ainda se acrescenta, uma crise humanitária, ética e política. Há de se considerar a passividade do governo frente à periculosidade da pandemia, vulnerabilizando o brasileiro e colocando-o em uma posição de melancolização. Estudar fenômenos de morte da pandemia no Brasil, sob a ótica da psicanálise, implica uma reflexão ética, buscando compreender o mal-estar contemporâneo. O saber psicanalítico, à partir de uma posição subversiva, denuncia práticas excludentes, perversas e violentas, a fim de provocar um questionamento que leve à uma insurgência.

**Palavras-chave:** Pandemia; Pulsão de Morte; Perversão; Psicologia Política.

**Abstract:** The current study is an essay which critically reflects on the psychosocial phenomena of the Covid-19 pandemic in Brazil. To this end, it appropriates concepts from Freudian metapsychology and political psychology. Psychically, the health crisis is marked by catastrophe, trauma, malaise and mourning. In Brazil, there is still a humanitarian, ethical and political crisis. It is necessary to consider the passivity of the government in the face of the danger of the pandemic, making the Brazilian vulnerable and placing them in a melancholic position. Studying the death phenomena of the pandemic in Brazil, from the perspective of psychoanalysis, implies an ethical reflection, aiming to understand contemporary malaise. Psychoanalytic knowledge, from a subversive position, denounces exclusive, perverse and violent practices, in order to provoke a questioning that leads to an insurgency.

**Key-words:** Pandemic; Death drive; Perversion; Political Psychology.

*Recebido em 27/12/2020, aceito em 20/01/2021*

---

<sup>1</sup> Graduanda de psicologia pelo Centro Universitário da Serra Gaúcha. [livia.fer8031@gmail.com](mailto:livia.fer8031@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em psicologia e professor do curso de psicologia do Centro Universitário da Serra Gaúcha. [joao.weber@fsg.edu.br](mailto:joao.weber@fsg.edu.br)

## Introdução

A disseminação do novo coronavírus, causador da doença Covid-19, teve seu início em Wuhan, China, no final do ano de 2019. Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de emergência em saúde pública em nível global pelo avanço das contaminações. Com isso, o vírus seguiu um processo descontrolado de transmissão, atingindo todos os cantos do mundo, causando o que a Organização das Nações Unidas (ONU) denominou como sendo a pior crise global desde a Segunda Guerra Mundial. Em 11 de março de 2020 a OMS anunciou oficialmente a pandemia de Covid-19, uma vez que casos de infecção e de óbitos crescera aceleradamente em todas as regiões do globo.

A pandemia do novo coronavírus impõe medidas sanitárias de caráter emergencial. Se tratando de uma doença nova, desconhecida pelas comunidades médica e científica e potencialmente fatal, o isolamento social, aliado ao uso de máscaras de proteção facial, atualmente se mostram como as únicas alternativas para frear a curva pandêmica e retardar a transmissão. Objetiva-se uma não sobrecarga aos sistemas de saúde, evitando assim milhares de mortes. Com isso, as medidas de contenção impostas pelo vírus, mais especificadamente o isolamento social já se caracteriza como um fator de risco para a saúde mental dos sujeitos. (SCHMIDT et. al., 2020).

Diante de uma crise humanitária emergencial, estima-se que de um terço até metade da população apresente sofrimento psíquico em decorrência de aspectos interlaçados ao evento. Estes variam conforme a força e magnitude, o estado de vulnerabilidade social e o tempo e a efetividade das ações governamentais no contexto social perante o acontecimento (FIOCRUZ, 2020). No caso da pandemia de Covid-19 no Brasil, destaca-se a questão no que tange às ações governamentais. Com isso, no país sofre-se também de uma ausência de liderança que amenize os impactos da pandemia na população, gerando uma piora significativa no cenário pandêmico, e vulnerabilizando física, social e psiquicamente a população de maneira muito grave e preocupante.

Segundo Nuno Ramos (2020), no Brasil tem-se um duplo apocalipse: o da pandemia e o da necropolítica. Os processos de luto em um país cujo governo não se responsabiliza pelo controle sanitário e renega sua gravidade, se mostram muito mais expressivos e dolorosos para os sujeitos. Tem-se uma autoridade com responsabilidades perante seu povo, porém que não exerce essa função, causando um maior desamparo na população. Além disso, há uma menor adesão aos protocolos sanitários por parte da sociedade, quando se tem desconfiança nas autoridades governamentais despreparadas, causando fortes divergências de opiniões, como ocorre atualmente no Brasil (MEMISH et. al., 2020).

O vírus no país evidenciou ainda mais uma série de problemáticas - já existentes pré-pandemia, referentes a desigualdade social, as múltiplas intolerâncias e a estruturação perversa por parte do Estado. Além das contaminações descontroladas pela ausência de políticas públicas para com o cidadão brasileiro, tem-se as exclusões sociais e violação de direitos (NAVARRO et. al., 2020).

Tendo em vista a pandemia de Covid-19 no Brasil e seu caráter catastrófico, o saber psicanalítico denuncia uma problemática para muito além do vírus. A psicanálise abarca questões da ordem do estrangeiro, de caráter errático, aberrante- o estranho da outra cena. Através disso, ela dá conta de fenômenos desta ordem, que circulam pelo social durante o evento sanitário.

O surgimento da teoria psicanalítica se deu, por excelência, através de um expressivo interesse pela condição humana. Freud, o pai da psicanálise, deu início ao arcabouço teórico a partir de uma problemática de seu tempo: a histeria. Em “A

*psicoterapia da histeria*”, de 1895, Freud investiga a etiologia, e um possível tratamento para um mal de sua época, manifestado na posição subjetiva do feminino pela via da doença (FREUD, 2006). As mulheres atendidas por Freud apresentavam sintomatologias físicas e psíquicas de caráter desconhecido. A medicina e a razão eram colocadas à prova. Freud não cedeu a tais fenômenos, dedicando sua vida para investigar as ações (des)humanas, de caráter estranho. A partir disso, percebe-se que a psicanálise nasceu de um ato político. Freud subverteu a lógica de sua época, e dando voz ao feminino reprimido, revolucionou a compreensão de sujeito. Ao incluir o estatuto inconsciente nas experiências psíquicas do ser humano, cita-se que o conteúdo consciente é muito restrito, tem-se como prova disso os sonhos nas pessoas sadias, e o sintomas e obsessões nos doentes (FREUD, 2010b).

Nos dias atuais, a teoria psicanalítica encontra-se reatualizada. Entretanto, sua essência segue sendo uma subversão, um “ir além”. Pensar a pandemia de Covid-19 no Brasil pela ótica do inconsciente, abarca fenômenos desta ordem. Implica um (re) fazer o caminho de Freud, sob novas configurações, calcado dentro do mal-estar contemporâneo.

Contudo, para além de dar conta, a psicanálise inclui tais questões na condição humana e as coloca dentro de uma ética enlaçada aos Direitos Humanos. Com isso, utilizar do saber psicanalítico para analisar as problemáticas políticas e sociais envolvidas durante o curso da pandemia no Brasil, se caracteriza como um importante meio de reflexão da condição humana, suas ações e consequências.

### **Um evento catastrófico**

Catástrofe é um termo advindo do teatro grego. A origem etimológica da palavra diz respeito a algo que assume novas configurações, fechamentos, assim como o desfecho no teatro com uma mudança abrupta de cena (QUENET, 2000). Com isso, uma catástrofe pode ser definida como uma mudança abrupta, produzindo emergências em situações traumáticas, mas também, abrindo espaço para transformações, inclusive de ordem psíquica (VERTZMAN; RAMÃO-DIAS, 2020).

Para além da catástrofe, em um evento da magnitude de uma pandemia, pode-se instaurar o trauma. As incertezas e privações impostas pelo isolamento social são da ordem do traumático. Uma vez que este para a psicanálise se caracteriza como formas de afetação do sujeito a partir de coisas que não se consegue fazer frente. O trauma é um excesso ou uma falta, algo que exige do aparelho psíquico um trabalho a partir de uma nova exigência - aniquila ou transforma. Grandes eventos desta ordem decorrem na generalização do trauma entre os sujeitos que vivenciam a experiência (VERTZMAN; RAMÃO-DIAS, 2020). Ou seja, psiquicamente a pandemia de Covid-19 tem como eixo central o trauma e a catástrofe.

Uma doença ainda sem cura e que atinge o mundo em escala global implica uma série de perdas. Além do luto pelas pessoas mortas pela doença, há também a perda de objetos importantes na vida dos sujeitos, como por exemplo a perda de contato e proximidade física com entes queridos, a perda de uma rotina previamente estabelecida, ou até mesmo do trabalho. No texto “*Luto e Melancolia*” de 1917, Freud encarrega-se de diferenciar luto, luto patológico, e melancolia, essa em maior proximidade com o campo das psicoses. Para o autor, o luto é uma reação diante da perda de um ente querido ou de algo que ocupou um lugar de ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém. Tais perdas, acarretam no sujeito um estado de sofrimento psíquico intenso, que produz graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida. Há um empobrecimento do mundo externo e um retorno narcísico. Tem-se um objeto de amor e investimento libidinal perdido, isso implica uma reorganização em direção a um

outro objeto de amor e investimento, o que caracteriza um intenso trabalho psíquico, que não ocorre sem uma parcela significativa de sofrimento e manifestações sintomáticas. Tal processo fora nominado por Freud como Trabalho do Luto, que consiste, por essência, em uma elaboração no psiquismo de tal perda. (FREUD, 2010b).

O luto patológico para Freud é caracterizado por uma tristeza de maior gravidade, um estado de espírito penoso, onde há uma intensa e significativa perda de interesse pelo mundo e a dificuldade em adotar um novo objeto de amor e investimento- ou seja, de elaboração do luto. Com isso, o luto patológico pode ser algo da ordem de um transtorno depressivo.

Por fim, a melancolia apresenta um caráter enigmático. Não é possível haver uma nomeação do objeto perdido, uma vez que a perda objetual é retirada da consciência. O sujeito melancolizado representa em si próprio tal perda misteriosa. A partir disso, há um quadro de delírio de auto recriminação, onde o sujeito representa seu ego como desprovido de qualquer valor e moralmente desprezível. Tal quadro de inferioridade pode ser exemplificado por uma recusa. Trata-se de recusar qualquer instinto que compele o sujeito a se apegar à vida. (FREUD, 2010b).

Ressalta-se o luto como um significante, ou seja, é próprio do sujeito. Há de se considerar o processo de luto como subjetivo e singular, trata-se de como cada psiquismo reagirá a uma perda. A pandemia no seu caráter traumático será vivenciada conforme as fobias, obsessões, e outros sintomas de estrutura próprios de cada sujeito. Também inclui-se na problemática do evento pandêmico o sofrimento social, político e econômico.

Para Freud em “*O Mal-Estar na Civilização*”, o sofrimento humano pode ser balizado dentro de três grandes pilares, são eles: a superioridade da natureza, a fragilidade dos corpos e os relacionamentos com outros seres humanos. (FREUD, 1974). Tais pilares propostos por Freud se relacionam inteiramente com as vivências traumáticas que a pandemia impõe. Contudo, apresenta-se um cenário extremamente desfavorável, balizado em catástrofe, trauma, lutos e mal-estar.

No que diz respeito a superioridade da natureza, no evento da pandemia perde-se as fantasias de onipotência próprias do ser humano, é um furo de narcisismo. A partir de um organismo vivo, invisível a olho nu, os sujeitos precisaram reorganizar-se socialmente e psiquicamente perante a urgência de saúde pública que o mesmo implicara. Há o atravessamento da instância da morte, essa delineada a partir do pressuposto freudiano que diz respeito a fragilidade dos corpos. Há de se considerar os relacionamentos interpessoais como o terceiro mal-estar lançado por Freud e reatualizado no evento pandêmico. Com o isolamento social, os relacionamentos são colocados à prova, uma vez que, a convivência demasiada pode gerar conflitos, bem como a ausência de encontros com entes queridos também representa uma ameaça para o bem-estar subjetivo. Sofre-se de si, mas também sofre-se do outro.

Entretanto, considera-se algumas particularidades no Brasil, uma vez que não há somente a crise sanitária. Tem-se também uma crise humanitária, ética e política, das quais a psicanálise não sucumbe, uma vez que influenciam diretamente nas múltiplas manifestações de sofrimento psíquico.

### **A psicanálise frente a pandemia de Covid-19 no Brasil**

Durante o curso do evento catastrófico da pandemia de Covid-19 no Brasil, percebe-se manifestações muito particulares. Tem-se a morte, mas principalmente o fazer morrer como pano de fundo. Nota-se esse mortífero, através de fenômenos muito expressivos que perpassam pelo seio social, tais como: a lógica de sujeitos infames, os discursos de ódio, as *Fake News*, a necropolítica, as múltiplas manifestações de

intolerância, as relações de dominação, dentre outros a serem refletidos. Entretanto, os fenômenos citados não se caracterizam como exclusividades da pandemia, somente foram realçados e intensificados durante o período de ascensão do vírus no país.

A partir das ações governamentais brasileiras para com a pandemia, considera-se o conceito de Necropolítica, termo cunhado por Achille Mbembe (2016). A partir da grande disparidade social presente no país, o isolamento social representa uma realidade para uma parcela muito pequena dos brasileiros - a elite hegemônica. Em contrapartida, os outros são deixados morrer, uma vez que não recebem políticas públicas por parte do governo, eles “podem morrer”, seguindo a lógica de sujeitos infames.

Necropolítica é um conceito balizado a partir da ideia de soberania, ou seja, expressa predominantemente através de um direito de matar (necropoder). É por excelência uma definição de quem importa e deve ser preservado, e quem não importa e pode ser descartado. (MBEMBE, 2016). Tal critério para descartar- ou não, os sujeitos, pode se dar através de grupos biológicos, principalmente no que diz respeito ao racismo. Uma vez que o negro representa a ordem expressa da segregação. (MBEMBE, 2018).

Esses estatutos de sujeitos infames, manifestados expressamente pela necropolítica, e incluídos na lógica perversa no Brasil, escancaram a desumanização e ausência de alteridade por parte do Estado. A ausência de responsabilização pelas vidas e por uma produção de subjetivação para os sujeitos, considerando-os como desejantes. Logo, tal prática não ocorre, denunciando algo da ordem de um funcionamento estatal e social mortífero e perverso. Tem-se um enquadre.

A perversão enquanto estruturação psíquica ou montagem de funcionamento está presente no discurso e nos modos de relacionamento, caracterizando-se em essência, por uma drástica negação da alteridade do outro. Não considerando-o como um sujeito desejante, possuidor de dignidade e subjetividade. Há a tendência de instrumentalização dos corpos. (FLEIG, 2008).

Para o sujeito perverso a lei não faz questão, há uma recusa da castração simbólica e do significante que instaura a lei e as questões morais. Trata-se de um mundo sem interdições, barreiras e impedimentos. O sujeito perverso não respeita a lei, ele é a lei, determinando assim a sua própria moral. Age como sendo uma exceção das normas universais. A cultura no seio social é algo que realiza uma contenção, impondo uma série de restrições, proibições e controle. Inserir normas faz com que se estabeleça laços sociais e sociabilidade entre os sujeitos. Porém, quando isso não opera tem-se a perversão no seu estado puro.

Com isso, lança-se uma hipótese: seria a perversão um sintoma de época? Para Fleig (2008) vivemos a passagem de uma cultura fundada no recalcado para uma cultura que fomenta a perversão. Com isso, percebe-se alterações de laço social, e de relação sujeito- mundo. Trata-se de novas formas de subjetivação, de caráter anulatório e mortífero. Tais fenômenos vêm sendo denunciados através da resposta do país frente a crise pandêmica vivenciada.

A partir de relatos de soldados vindos do pós Primeira Guerra Mundial, Freud em 1920 inclui o conceito de pulsão de morte, ou *Tanatos* na teoria psicanalítica. Na sua obra “*Além do Princípio do Prazer*” é apontado que o aparelho psíquico do sujeito apresenta uma instância mortífera. Os soldados ouvidos por Freud apresentavam sonhos e reminiscências dos horrores vivenciados nas experiências da guerra. Freud nomeou esses fenômenos de Neuroses Traumáticas ou Neuroses de Guerra (FREUD, 1996). A partir da nova teorização proposta na reviravolta da teoria de Freud, conclui-se: o homem é mau e mata. O sujeito flerta com a morte. Há uma tendência ao retorno do inanimado, tem-se a morte como objetivo de toda a vida (FREUD, 1996). A partir disso, Freud reformulou e revolucionou, mais uma vez, a compreensão do humano, incluindo a instância

(des)humana e mortífera na condição de sujeito do inconsciente. A pulsão de morte (*Tanatos*), e a de vida (*Eros*), operam no psiquismo como uma espécie de duelo, uma batalha. Na melhor das hipóteses, o erótico enlaçado no social vence, e se sobressai perante o gozo.

A questão posta referente à pulsão de morte se lança através do que Freud chamou de destinos das pulsões. Que há uma instância de morte na condição humana, não restam dúvidas, entretanto o que é feito com tal potência psíquica? Freud (1996) aponta quatro destinos possíveis, tais são: recalçamento, retorno contra si mesmo, transformação ao contrário e por fim, sublimação.

Pensar os destinos pulsionais propostos por Freud em 1920, através do acontecimento pandêmico gera uma implicação importante no que tange às reações frente ao mortífero imposto pelo real do evento sanitário. A partir de mecanismos psíquicos de maior ou menor elaboração, cada sujeito reagirá conforme seu sintoma. Considera-se o retorno contra si mesmo como sendo algo da ordem de um gozo, onde o sujeito devolve contra seu ego a energia de morte, é o destino de menor elaboração psíquica. Já a sublimação, é um importante recurso psíquico que consiste na torção morte-vida-laço social. É em suma, transformar o mortífero em algo que faça um laço social, dentro da norma moral.

Freud (1996) caracteriza a sublimação como um deslocamento enquanto meta, sem sofrer um descrédito enquanto intensidade. É uma troca entre meta sexual de origem, por outra não sexual, porém psiquicamente aparentada como tal. Esse processo de sublimação, disfarça e afasta do ego a característica mortífera do aparelho psíquico.

A partir da máxima: “o homem é mau e mata”, enlaça-se as práticas de morte e fazer morrer na pandemia no Brasil citadas anteriormente. O evento no país, aliado ao governo atual, pareceu despertar as tendências de mortificação, e o *tanático* que habita o sujeito. Para além de despertar, a potência psíquica recebeu pouco ou qualquer destino sublimatório.

Com base no panorama exposto sobre a teorização do conceito de pulsão de morte, lança-se questionamentos pertinentes acerca dos fenômenos mortíferos circulantes no Brasil. Como a autoridade máxima de um país, que legitima o ódio através de ações e discursos, pode, dentro de sua posição de liderança, despertar o *tanático* em cada um? Eleger e idolatrar uma figura que, de certa forma nos mata, seria um retorno contra si mesmo? Destino este proposto por Freud. O que circula em uma sociedade que identifica-se com uma figura como Jair Bolsonaro? O fenômeno Bolsonaro poderia ser um sintoma social e de época?

### **Enlaçamentos entre psicanálise e política**

O conceito de política se dá a partir de alguns atravessamentos importantes e multidisciplinares. Na perspectiva psicanalítica - proposta do presente estudo em questão, coloca-se a política como uma ação primordial entre sujeitos falantes. Partindo de uma perspectiva lacaniana, da qual fomenta que somos seres de linguagem, a política torna-se desde os primeiros tempos, obrigatória à vida. Uma vez que o arcaico do sujeito se funda a partir do desdobramento entre o discurso do outro e uma necessidade carnal de relacionamento. O ser humano, diferente de outros animais, nasce pronto para morrer. A sobrevivência depende, necessariamente, de uma aposta dirigida a nós por um outro ser falante que fará função materna. Logo, o inconsciente, desde sempre, é uma ação política. (LACAN 1967; MOREIRA, 2019).

Acrescentando, tem-se também, o conceito de política como um conjunto de práticas de gestão no espaço da *polis*, cidade. São relações de força a serem exercidas em espaços sociais que têm como finalidade a gestão da vida (HUR, 2013).

Já para Arendt, tem-se um delineamento conceitual de política no que tange a uma convivência entre diferentes. Para a autora, a política se articula a uma vinculação com a liberdade (ARENDR, 2002). A partir disso, a política sob uma ótica Arendtiana diz respeito à ideias de igualdade, liberdade e amparo. “A tarefa e o objetivo da política é a garantia da vida no seu sentido mais amplo.” (ARENDR, 2002, p. 17).

Nesta linha, lança-se a democracia, como sendo uma estruturação política que se define, por excelência, pelos valores de liberdade, expressão, integridade pessoal, igualdade e uma justiça de equidade (ROSENBERG, 2020). A partir da ideia de democracia, tem-se o sujeito posto como desejante e possuidor de subjetividade. No Brasil, sofre-se da falência dos preceitos democráticos e de uma cultura que anula o sujeito. Ressalta-se aqui, um mal-estar a mais, em relação aos outros sofrimentos advindos da crise sanitária.

Posto isso, o presente ensaio também busca apresentar a política como uma dimensão imperiosa na vida social e psíquica. Levando em conta o fato de ela ser, por excelência, relações de troca entre sujeitos dentro de um espaço coletivo - considerando que para a psicanálise não há espaço sem ser o coletivo, uma vez que tudo se constitui a partir de um outro, há de considerar a subjetividade como fator central e determinante de toda ação política. Através de dinamismos políticos e sociais dentro da cultura, há o aparecimento de processos psicológicos e metapsicológicos que denunciam algo do singular. Tem-se o cenário coletivo e social como uma ressonância. Logo, a psicologia e a psicanálise implicam-se diretamente com a política. Além disso, a intervenção em saúde mental é um ato político, uma vez que gera uma implicação nas múltiplas formas de subjetivação entre sujeito e mundo.

Freud elenca o ato de governar como uma das tarefas de caráter impossível. Juntamente com o educar e o próprio psicanalisar (FREUD, 2018). A partir do estatuto subjetivo que os três ofícios propostos por Freud impõem, tem-se o encontro com a dimensão do real- ou seja, do impossível, do *Das Ding*- da coisa. Logo, a política implica uma certa impossibilidade. Entretanto, a partir deste inalcançável, há de se considerar um governo como um recurso que objetiva ações gerais a partir de premissas básicas no que tange aos Direitos Humanos, e não um tamponamento - este inexistente na condição de sujeito de linguagem.

Com a teorização proposta por Freud da impossibilidade de governar, educar e psicanalisar, ressalta-se o atual governo brasileiro durante o curso pandêmico na sua total passividade. Fica-se alienado no estatuto de impossibilidade, nada é feito frente ao cenário catastrófico. Lança-se o brasileiro em um estado de melancolização.

Com tal passividade e impossibilidade total que se coloca no atual governo frente a pandemia, torna-se o Brasil um país de espectadores da morte, ou seja, as centenas de mortes diárias decorrentes da doença Covid-19 são assistidas, em uma espécie de espetáculo dos horrores.

Sociedade do Espetáculo, termo cunhado por Guy Debord em 1967, diz respeito a fenômenos de gozo presentes no laço social. A partir do atravessamento da lei do mercado, da qual a sociedade se constrói a partir do capitalismo, ocorre um processo de espetacularização. Para o autor a raiz do espetáculo está no terreno da economia, que tem como frutos um mercado espetacular. A noção de espetáculo é uma produção social, que se deu a partir de momentos históricos, fenômenos econômicos, políticos e psíquicos no cenário coletivo.

O ator da sociedade do espetáculo coloca-se numa espécie de alienação a objetos de gozo, vendidos pela mídia espetacular como sendo algo que tamponasse e pudesse dar conta da castração. Trata-se de uma sociedade balizada na ilusão. Quanto mais se consome, mais tem-se a dimensão da insuficiência.

No capitalismo e na Sociedade do Espetáculo, a lei do consumo se atravessa na lei do desejo. A lógica de mercado apresenta um discurso que anula o sujeito na sua subjetividade e impõe demandas a serem consumidas. Tais demandas dizem respeito a ilusões, uma vez que não existe objeto que satisfaça na realidade o desejo, ou que tampone a falta estrutural do psiquismo humano. Entretanto, o sujeito inserido na Sociedade do Espetáculo encontra-se colado na ilusão, e dessa forma inserido em uma lógica de compulsão desenfreada de busca por tais objetos inexistentes. (DEBORD, 2003).

Ressalta-se que a Sociedade do Espetáculo não vende somente mercadorias, mas também imagens, em um processo de *ser visto*, um *ter* ou invés de *ser*. Um modo de fixação pulsional escópica, onde o olhar do outro sobre mim, torna-me ator principal no palco do espetáculo ilusório.

Por essência, trata-se de um mandato de gozo supremo. Deixa-se de lado a produção de subjetivação em direção ao desejo, uma vez que na Sociedade do Espetáculo há de haver uma fórmula mágica a ser comercializada, responsável por tirar do sujeito as angústias, tristezas, vazios existenciais e principalmente a dimensão da falta. Se não há espaço para a falta, tampouco haverá para o desejo. No mecanismo de funcionamento da sociedade espetacular há uma espécie de devastação da condição humana, um embotamento subjetivo. O sujeito torna-se espectador do mandato de gozo vendido.

Segundo Birman (2005):

“O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto”. (BIRMAN, 2005, p. 25).

Assim, a cultura do narcisismo é, por excelência, uma anulação do sujeito do inconsciente. O estatuto de perversão presente na cultura denuncia um declínio de preceitos éticos e morais, apontando para o gozo sem interdições.

A pandemia de Covid-19 no Brasil parece se direcionar para um movimento na ordem do imperativo do gozo. Nota-se a espetacularização da morte, uma vez que enquanto tem-se unidades de tratamento intensivo (UTI) lotadas de pessoas contaminadas pelo vírus, os sujeitos seguem normalmente com suas atividades, inclusive as de lazer. Segue-se o mandato de gozo a qualquer preço- qualquer mesmo, inclusive o preço da morte. Alia-se isso, com a falta de políticas públicas de segurança sanitária e econômica por parte do governo brasileiro. Nota-se a catástrofe.

Pensar o inconsciente como sendo a política, parece ser primordial para refletir-sob a ótica psicanalítica, as ações humanas. Segundo Lacan (1998, p. 518): “A experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o inconsciente não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações”. Com isso, faz-se necessária a visão psicanalítica dos fenômenos sociais, políticos e singulares. Trata-se de desatrelar o delírio de “neutralidade” que perpassa perante a psicologia e a psicanálise, quando na verdade são práticas muito bem posicionadas socialmente e politicamente.

O Conselho Federal de Psicologia desde meados da década de 1980 acredita não ser cabível restringir a práxis do psicólogo somente no âmbito clínico, mas também lançar a profissão em outros espaços, a fim de lutar por processos sociais, políticos e democráticos. Já na década de 1990 a psicologia ganhou o lema “Psicologia e compromisso social”, e desde meados de 2000 a área ganha espaço nas políticas públicas.

Assumindo compromisso e responsabilidade ética nas mudanças psicossociais. (HUR; JÚNIOR, 2017).

### **O falso Messias e o “E daí?”**

A democracia apresenta-se ameaçada. Através de uma intensa crise social, política e psíquica, advinda de um mal-estar balizado nos princípios neoliberais, nomeado de “sofrimento neoliberal” por Hur e Sandoval (2020), elege-se no cargo de presidência da república do Brasil, um homem como Jair Messias Bolsonaro. A partir do desamparo advindo das múltiplas crises, o brasileiro cai na armadilha de um candidato de extrema direita, perverso, populista, conservador, nacionalista e defensor da Ditadura Civil Militar.

Com um discurso sedutor, Bolsonaro lança-se na campanha política de 2018 como *o Messias* responsável por salvar o brasileiro. Reitera-se aqui, o fascínio que o sujeito perverso causa, uma vez que assume uma posição de sucesso e capacidade, passa a impressão de ser um sujeito que sabe exatamente o que quer, domina os outros e impõe sua vontade e verdade. É um sujeito que transforma sua miséria em gozo. E isso para o neurótico age como um comando que o pacifica, lhe dando um suporte subjetivo. (FLEIG, 2008).

Bolsonaro agiu sobre o extremo desamparo, fazendo uma espécie de apoio e contenção para o mal-estar que se impõe a todo momento nos sujeitos de linguagem, os quais estão submetidos a sistemas socioeconômicos que anulam a subjetividade. A dimensão faltante parece não se impor nos seus discursos de ódio, e os problemas de cunho social parecem ser de fácil resolução. O discurso Bolsonarista vende um ideal de mudança, oferece ao sujeito, a partir de seu extremo conservadorismo, uma falsa segurança.

O falso Messias ativou fenômenos de importante reflexão para a psicanálise. Com o seu populismo atingido principalmente através das redes sociais, Bolsonaro, seus discursos e suas propostas de governo, (re) ativaram três fenômenos de massa importantes de serem considerados, tais são: nacionalismo, populismo e neofascismo (DORNA, 2012). Segundo Rosenberg (2020), engana-se quem crê que o populismo de extrema direita ficou como relíquia da Segunda Guerra Mundial. A compulsão à repetição entra em cena. A história se repete.

O conceito de compulsão à repetição perpassa toda a teoria psicanalítica. Freud engancha essa noção em 1920 a partir da teorização da pulsão de morte, onde a repetição se põe na forma de um gozo. Em “*Recordar, Repetir e Elaborar*”, de 1914 Freud ressalta que na análise psicanalítica, tem-se, a partir da relação transferencial, um processo de recordação, repetição e finalmente a elaboração de acontecimentos importantes da vida psíquica. Quando o processo de recordação encontra-se prejudicado a partir de um intenso processo de repressão dos conteúdos traumáticos, não há possibilidade de elaboração, logo, há a atuação, que consiste em, na impossibilidade de realizar um processo de fala, vivenciar os conteúdos reprimidos na forma de ato. O grande passo que propõe uma análise, segundo Freud, consiste em atravessar o passado e o presente, a fim de realizar uma elaboração que se direcione para a ordem do desejo e desgrude do gozo de repetição (FREUD, 2010a).

Podemos observar que tal fenômeno não ocorre somente na práxis clínica, mas também na cultura. A repetição ocorre em muitos capítulos da história do Brasil e do mundo. O que interessa para a psicanálise é justamente o caráter mortífero que liga essas repetições, como fora teorizado por Freud no conceito de compulsão à repetição, e posteriormente por Lacan, no conceito de gozo. Como exemplo disso, cita-se a eleição de

Jair Bolsonaro, o candidato defensor de torturadores e de passagens históricas relacionadas ao mortífero perverso. A história mostra que, eleger uma figura com tal posicionamento, gera grandes genocídios. O que ocorre hoje no Brasil com a pandemia do novo coronavírus.

O Bolsonarismo apresenta-se como um sintoma social. Advindo de um mecanismo de funcionamento coletivo, denunciou uma espécie de regressão afetiva e cognitiva (HUR; SANDOVAL, 2020). Para além disso, mostrou o estatuto de pulsão de morte se sobressaindo à vida. O que ocorre quando as ações de um governo se dirigem à morte? O que ocorre quando se idolatra uma figura e um governo de morte? O governo de morte está a serviço do quê? E para quem? Um governo de morte desperta o mais *tanático* que habita no campo pulsional dos sujeitos.

“E que todos nós portamos um *quantum* desse ódio e destrutividade. Mas do ponto de vista ético, o ideal é que essa destrutividade seja reprimida, represada, controlada, mas Bolsonaro realiza o movimento inverso, fomentando, incitando esse ódio para que as minorias sejam punidas. Por isso consideramos que a depreciação das minorias e o discurso violento que Bolsonaro está incitando é muito perigoso”. (HUR; SANDOVAL, 2020, p. 133).

Tal conjuntura apresenta, também, um outro fenômeno de extrema importância a ser analisado. Segundo Hur e Sandoval (2020), a psicologia política aponta que uma tática muito valiosa para se fortalecer um populismo, está delineado na noção de inimigo. Ou seja, estabelecer um inimigo, uma espécie de rival externo. No caso de Bolsonaro estabeleceram-se as minorias e o ex-presidente Lula, o qual é representado enquanto defensor das mesmas. O mesmo mecanismo se deu na ascensão de Adolf Hitler, onde o principal inimigo proposto pelo ditador eram os judeus. Em suas ações e discursos, Bolsonaro não esconde seu caráter perverso, anulatório e desumano. Ao usar de um desprezo singular, ataca grupos como indígenas, negros, população em vulnerabilidade social, mulheres e homossexuais. Bolsonaro responsabiliza esses grupos pelas mazelas vividas em um país em decadência ética.

Outra questão posta à reflexão diz respeito a uma das premissas de governo de Bolsonaro. A pauta de segurança social ganhou força em sua campanha. A partir de uma proposta de armar a população com o intuito da proteção para o “cidadão de bem” - termo este usado pelo candidato, sua popularidade ganhara ainda mais força na nação. Evidencia-se, através disso, que Bolsonaro vende a ideia de salvar e proteger a população, e o brasileiro cai na arapuca. Mas que população que é, supostamente, salva? Parece ser muito específica. Bolsonaro governa para uma elite, que deseja possuir uma arma a fim de matar uma população também muito específica, segue-se a lógica de sujeitos infames.

Contudo, percebe-se o governo Bolsonaro e seu estatuto de perversidade como uma ameaça gravíssima à vida. Vidas muito específicas. Sua gestão aproxima-se do neofascismo, uma vez que abrange as três esferas de uma biopolítica radical, reinvidicação do espaço vital e denúncia de inimigo. (DELEUZE, 2014).

Na pandemia de Covid-19 no Brasil, Bolsonaro caracteriza uma outra fonte de sofrimento psíquico. Um “algo a mais”. Para além das implicações pandêmicas, tem-se a presente crise política de um presidente que não governa para a vida, e sim para a morte. Tem-se a legitimidade do ódio, e um “e daí?” como resposta, ao ser questionado sobre a gravidade e extrema vulnerabilidade da qual se encontra o sujeito brasileiro. Nota-se a morte e o fazer morrer.

O eleitor de Bolsonaro é fiel. Não sucumbe às inúmeras barbaridades propostas pelo presidente, tampouco pelos discursos de ódio e a destruição de políticas públicas. Há quem idolatre a figura. Existe um importante movimento de renegação. O eleitor de

Bolsonaro, em sua maioria, não pode largar seu “mito” salvador, ou seu delírio de que o mesmo exista. Nota-se o desamparo.

Retoma-se aqui o conceito de necropolítica. Durante o curso da pandemia no país, a gestão de morte se fez presente em todos os momentos. Bolsonaro, através de seus discursos de ódio e suas ações que se direcionam para a morte, representa uma ameaça gravíssima, para além das contaminações. Sabe-se que uma crise sanitária implica uma série de medidas de caráter urgente para que possa haver um menor impacto nos sujeitos e nos sistemas de saúde e econômicos. Entretanto o que ocorre no Brasil- país imerso pela necropolítica, é o movimento contrário.

Desde o início do evento pandêmico no país, em meados de março de 2020, o atual governo do Brasil mostrou-se como um empecilho à vida dos brasileiros. A partir do conceito de necropoder apontando por Mbembe (2016), nota-se o poder que Bolsonaro tomou pelos corpos no Brasil- instrumentalizando-os. Com uma postura perversa, ironiza as medidas de controle sanitário, como o uso de máscaras, por exemplo, também ressalta-se um extremo processo de denegação, presente em discursos e atos. Bolsonaro coloca-se como uma liderança que lidera a morte.

Assinala-se algumas ações do presidente durante o evento, como a insistência em orientar o uso de uma medicação, que supostamente serviria como um tratamento para a doença Covid-19. Tal medicação não apresenta nenhuma comprovação robusta de sua eficácia, e pode provocar efeitos colaterais (PALLIANI; CORDONA, 2020). Deste modo, qual o interesse de Bolsonaro em fomentar uma medicação sem eficácia e com possíveis efeitos colaterais? O que faz com que se consuma tal droga sem comprovação científica e com alguns riscos? Parecem ser questões para refletir a partir da subversão da psicanálise- sobre a lente do estranho da outra cena.

Em contrapartida a isso, Bolsonaro atrasa os trâmites da vacinação- essa com comprovação científica e já sendo utilizada em caráter emergencial em outros países do globo. Para o atual governo, preservar vidas não parece ter um caráter de urgência. O brasileiro parece estar submetido à uma lógica de instrumentalização, em uma posição de meros expectadores da morte. Presencia-se centenas de óbitos diários e carece de uma liderança que faça algo- em direção à vida. Tem-se uma banalização da condição humana. A partir da catástrofe sanitária, psíquica, social, política, humanitária, ética e econômica, o líder da nação goza da angústia de seu povo. Angústia essa, que Bolsonaro não consegue sentir.

Com isso, a psicanálise e a psicologia política assumem uma posição importante dentro do atual cenário extremo. Segundo Hur e Lacerda Júnior (2016), a psicologia política direciona-se por uma aliança ética, política e militante com a sociedade. Logo, tem-se o compromisso social, de preocupação com os grupos minoritários, que se direciona para uma posição de luta contra práticas violentas por parte do Estado. Tem-se um horizonte de autonomia e emancipação. Trata-se, por essência, de considerar o sujeito como um ser social- subvertendo a lógica perversa de objetificação.

Por fim, a denúncia sobre a realidade que é feita pela psicologia política e pela própria psicanálise, tem como finalidade uma produção de subjetivação que vá em direção à reflexão e à insurgência. Por essência ela não é neutra, tampouco sem uma ideologia muito bem demarcada. Propõem-se aqui, tal exercício ético.

Para Lacerda Júnior (2016), a insurgência caracteriza-se como importante parte do processo histórico de lutas por emancipação humana. A psicologia política é crítica e reflexiva, busca compreender a insurgência como parte do processo de humanização e construção de uma história verdadeiramente humana e subjetiva. “Que a realização de alguns não requeira a negação dos outros, e que o interesse de poucos não exija a desumanização de todos.” MARTÍN-BARÓ (1996, p.23).

## Considerações finais

A partir dos pressupostos freudianos básicos, refletiu-se no presente ensaio, questões sociais e psíquicas pertinentes na pandemia de Covid-19 no Brasil, abrangendo suas particularidades políticas, éticas e humanitárias. Sob a luz da psicanálise, foi possível denunciar fenômenos importantes de ordem errática, mortífera e perversa, incluindo os mesmos na condição humana e na condição de sujeitos do inconsciente. Além disso, apontou-se o caráter traumático e catastrófico do evento sanitário e seu “algo a mais” presente no Brasil, caracterizado por um declínio humanitário circulante no país, denunciado pela liderança caricata de Jair Bolsonaro.

Considerou-se no estudo, a psicanálise como um movimento, este sempre de caráter político. Além disso, elucidou-se o estatuto de sujeito social, como sendo o principal foco da teoria e da práxis do inconsciente. Entretanto, há a aliança entre psicanálise e questões sociais. Procurou-se sustentar o caráter político e social do sujeito do inconsciente.

Reflete-se também, a posição do analista na *polis*, como um ser pensante e questionador que realiza provocações da ordem de uma reflexão ética. Dessa forma é possível sair da posição de meros espectadores das consequências trágicas advindas das ações (des)humanas na pandemia.

Fica evidente a importância de resgatar a humanização que se perde dentro da montagem perversa. A psicanálise desde o seu nascimento se implicou em lançar luz ao estranho, e com isso empoderar o sujeito, com o intuito de promover saúde, bem-estar e questionamentos a respeito de si. O saber psicanalítico põe à prova que o sujeito é barrado pelo grande Outro do inconsciente. Entretanto, isso não significa que não há responsabilidade perante o estrangeiro. A psicanálise diz que o sujeito deve se implicar com seu desejo, a partir de uma ética que faça laço social- parece que isto tem falhado na atualidade, uma vez que alguns preceitos éticos de consideração do semelhante se mostram em falência. Parece que realizar a restituição do sujeito do inconsciente, colocando-o dentro de uma ética do desejo seria uma política de resistência à instrumentalização do sujeito e do gozo. Tal movimento parece ser de urgência.

Por fim, o estudo tratou de uma politização do inconsciente, um manifesto. A partir da história da psicanálise, vemos que desde o início ocorreu uma subversão, a adoção de uma lógica que se apropria fortemente do que há de mais humano e desumano no sujeito do inconsciente. Logo, o sujeito que deseja apropriar-se da experiência do inconsciente, refletirá a partir deste lugar de ato, político e subversivo que considera, acima de tudo, o sujeito. Portanto, acredita-se que o discurso do psicanalista deverá ser, por estrutura, contrário a todas as manifestações de anulação da subjetividade e da existência.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. (1950). **O que é a política?** Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2002.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade.** Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2005.
- DEBORD, Guy. (1967). **Sociedade do Espetáculo.** E-Books Brasil, 2003. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>. Acesso em: 31 out. 2020.
- DELEUZE, Gilles. (1985). **El-poder-** Curso sobre Foucault (Tomo 2). Buenos Aires; Cactus, 2014.
- DORNA, Alexandre. **Fait-il avoir peur de l'homme providentiel?** Paris; Bréal, 2012.
- FIOCRUZ. Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial- A quarentena na Covid-19: orientações estratégias de cuidado. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19-quarentena-na-covid-19-orientacoes-estrategias-de-cuidado>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- FLEIG, Mário. **O desejo perverso.** Porto Alegre; CMC, 2008.
- FREUD, Sigmund. (1930). **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos.** Rio de Janeiro; Imago, 1974.
- FREUD, Sigmund. (1920). **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupos e outros trabalhos.** Rio de Janeiro; Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1914). **História do movimento Psicanalítico.** Rio de Janeiro; Imago, 1997.
- FREUD, Sigmund. (1895). **Estudos sobre histeria.** Rio de Janeiro; Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. (1911). **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (“O Caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos.** São Paulo; Companhia das Letras, 2010a.
- FREUD, Sigmund. (1914). **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos.** São Paulo; Companhia das Letras, 2010b.
- FREUD, Sigmund. (1939). **Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos.** São Paulo; Companhia das Letras, 2018.
- HUR, Domenico. Esquizoanálise e política: proposições para a Psicologia Crítica no Brasil. **Rev. Teoría y Crítica de la Psicología**, México, n. 3, p. 1-17, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/24966950-Esquizoanalise-e-politica-proposicoes-para-a-psicologia-critica-no-brasil.html>. Acesso em: 28 nov. 2020.

HUR, Domenico; LACERDA JÚNIOR, Fernando. Ditadura e insurgência na América Latina: Psicologia da Libertação e resistência armada. **Rev. Psicologia Ciência e Profissão**, vol. 37, p. 28-43, 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000500028&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000500028&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 5 dez. 2020.

HUR, Domenico; LACERDA JÚNIOR, Fernando. (Org.). **Psicologia Política Crítica**. São Paulo; Alínea, 2016.

HUR, Domenico; SABUCEDO, José Manuel. (Org.). **Psicologia dos Extremismos Políticos**. São Paulo; Vozes, 2020.

LACAN, Jacques. (1960). **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro; Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 14: a lógica do fantasma**. Sessão de 10 de maio 1967. Inédito.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. **Rev. Estudos de Psicologia**, vol. 2, n. 1, p. 07-27, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n1/a02v2n1.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, vol. 32, p. 123- 151, 2016. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/necropolitica>. Acesso em: 22 out. 2020.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. São Paulo; N-1 edições, 2018.

MEMISH, Ziad; PERLMAN, Stanley; VAN KERKHOVE, Maria; ZUMLA, Alimuddin. Middle East respiratory syndrome. **The Lancet**, vol. 395 p. 1063-1077, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(19\)33221-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(19)33221-0/fulltext). Acesso em: 20 nov. 2020.

MOREIRA, Oliveira. Jacqueline. O inconsciente e a política: entre estrangeiridade e a extremidade. **Rev. Analytica**, vol. 8, n. 14, p.1-18, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v8n14/09.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2020.

NAVARRO, Javier. et. al. Necropolítica da pandemia pela COVID-19 no Brasil: Quem pode morrer? Quem está morrendo? Quem já nasceu para ser deixado morrer? **Scielo Preprints**, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/901/version/955>. Acesso em: 2 dez. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Histórico. Brasília. Disponível em: <http://organizaçãomundialdasaude/histórico>. Acesso em: 5 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. FIFA e OMS se unem para combater o Coronavírus. Nações Unidas. Disponível em: <http://organizaçãodasnaçõesunidas/fifaeomsseunemparacombaterocoronavirus>. Acesso em: 6 nov. 2020.

PALIANI, Ugo; CARDONA, Andrea. Covid-19 and hydroxychloroquine: Is the wonder drug failing? **European Journal of Internal Medicine**, vol. 78, n. 3, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-32553587>. Acesso em: 17 dez. 2020.

QUENET, Grégory. La catástrofe, un objet historique? **Éditions de la Sorbonne**, vol. 1, n. 3, p. 11-20, 2020. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-hypotheses-2000-1-page-11.html>. Acesso em: 26 nov. 2020.

RAMOS, Nuno. Brasil enfrenta duplo apocalipse com Bolsonaro e coronavírus, reflete Nuno Ramos. Disponível em: <http://folha.uol.com.br/nunoramos>. Acesso em: 6 nov. 2020.

ROSENBERG, Shawn. A democracia devorando a si mesma- A ascensão do cidadão incompetente e o apelo do populismo de direita. In: HUR, Domenico; SABUCEDO, José Manoel. (Org).

SCHIMDT, Beatriz, et.al. Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). **Rev. Estudos de Psicologia**, vol. 37, p.1-13, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-166X2020000100501&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-166X2020000100501&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 4 dez. 2020.

VERTZMAN, Júlio; ROMÃO-DIAS, Daniela. Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol. 23, n.2, p. 269-289, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142020000200269](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142020000200269). Acesso em: 19 nov. 2020.